

ESPECIAL

# Ô Catarina!

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA | NÚMERO 72 | 2010

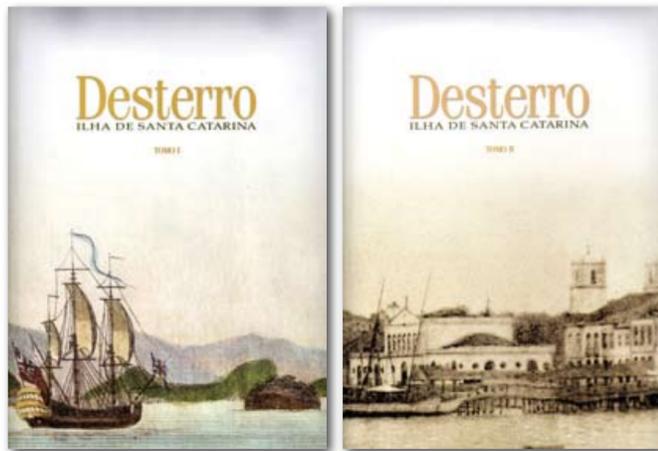
+ ALVAR CABEZA DE VACA + JEAN-BAPTISTE DEBRET + IMPRENSA DO SÉCULO XIX

Livro

## Destorvo

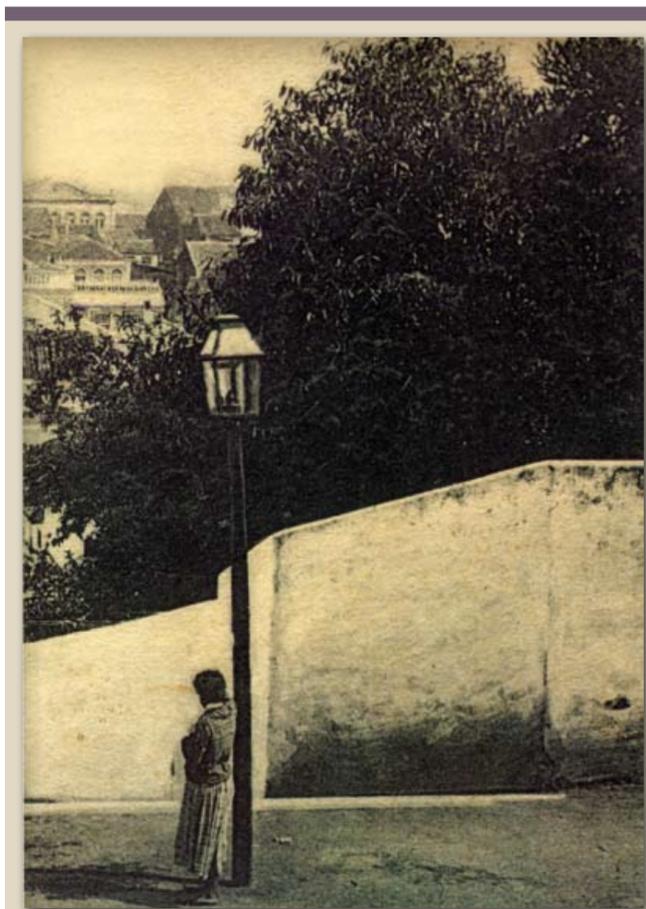
Ilha de Santa Catarina

Pesquisador Gilberto Gerlach conjuga infinitivamente os verbos da procura que o levou a tocar, no decurso de quatro décadas, quase 400 anos da história ilhoa



## Cinema de papel impresso

Escrever cidades. Traduzir, no idioma das imagens, suas camadas de fisionomia, ou relatar, de século a século, os descobrimentos, as visitas e os abandonos. O livro *Desterro – Ilha de Santa Catarina* do pesquisador catarinense Gilberto Gerlach conjuga infinitivamente os verbos da procura que o levou a tocar, no decurso de quatro décadas, quase 400 anos da história ilhoa. Despido dos rigores da academia, Gerlach cumulou a sua pesquisa de achados iconográficos que, se lidos fora de cronologia, cumprem a intuição-desejo do crítico alemão Walter Benjamin (*Passagens*): “Não seria possível realizar um filme apaixonante a partir do mapa de Paris? A partir da evolução de suas diversas configurações ao longo do tempo? A partir da condensação do movimento secular de suas ruas (...)?” [nota C, 1, 8]. Em lugar de Paris, Nossa Senhora do Desterro evidencia-se ao longo do tempo e, por meio de mapas, litografias, diários, reclames de jornal ou fotografias « fin-de-siècle », a capital catarinense assume o contorno e a densidade de uma protagonista de livro-filme. Porque Gilberto Gerlach não faz historiografia, faz cinema com imagens impressas. A esse pesquisador e a esse livro *Ô Catarina!* dedica as páginas desta edição-documento, feita de outros relatos de viagem (Carlos Humberto Corrêa, Mônica Cristina Corrêa e Paulo Clóvis Schmitz), do poema-luz de Rodrigo de Haro e de olhares não-acadêmicos lançados além do livro de Gerlach, na direção de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (artigo de João Carlos Mosimann) e de Jean-Baptiste Debret (ensaio de Jayro Schmidt). E o movimento secular de N.Sa. *Desterro surge condensado, nessa edição especial, em imagens em sua maioria nunca antes reproduzidas. Inéditas. Os instantâneos da memória que se diz presente. Páginas de jornal anotadas às margens do livro de Gerlach. Outras páginas desse cinema escrito.* ■



### HÁ UM SÉCULO

O fotógrafo desconhecido flagra a mulher anônima sob o poste de luz a gás acetileno, na rua Trajano, no Centro de Florianópolis. No primeiro plano está o adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, enquanto o muro sinuoso e o pequeno bosque deixam entrever (ao fundo) as fachadas de edificações alteradas pela platibanda. O cartão-postal de 1904 integrava a “Colleção Luz nº 1” e foi encontrado em Paris em 2001. Um francês de nome Roméo, estando de passagem pela Ilha, enviou o postal – datado de 2 de fevereiro de 1908 – ao parisiense Monsieur René Lachal, morador da *Rue du Louvre*, 34. No verso, está escrito: *Mon cher René. Je suis ici, maintenant, à Sainte Cathérine, en voyage de trois mois, dans un bateau de guerre.* (Meu caro René. Estou aqui agora, em Santa Catarina, em viagem de três meses num navio de guerra). Postado em 3 de fevereiro, chegaria por via marítima a Paris em 7 de março de 1908. ■



LEITURA DA HISTÓRIA SEGUNDO O PESQUISADOR GILBERTO GERLACH, A ILUSTRAÇÃO DO HOLANDÊS PIETER VAN DER AA (1706) PARA A NARRATIVA DE HANS STADEN RETRATA A RETIRADA DA CRUZ NO ALTO DO ESTREITO, NA ALTURA DA CABECEIRA CONTINENTAL DA ATUAL PONTE HERCÍLIO LUZ, COM A ILHA DE SANTA CATARINA AO FUNDO E, NO DETALHE, O RIO DA BULHA (HOJE AVENIDA HERCÍLIO LUZ) DESEMBOCANDO NA BAÍA SUL

## Desterro – Ilha de Santa Catarina

CARLOS HUMBERTO CORRÊA

Poucas publicações do gênero, no Brasil, são tão completas em registrar uma admirável coleção iconográfica de uma mesma cidade que *Desterro – Ilha de Santa Catarina*, de Gilberto Gerlach. Mostrando desenhos e gravuras feitas ainda no século dezesseis da Ilha de Santa Catarina, de quando os primeiros visitantes aqui chegavam, muitas totalmente desconhecidas do grande público acostumado a apreciar bonitas paisagens coloridas ou em preto e branco, o autor conseguiu reunir mais de quatrocentos retratos, mapas e paisagens e propiciar uma sequência histórica das várias fases que passou uma das vilas, posteriormente cidade, de maior importância estratégica no litoral atlântico do Brasil Meridional, num longo período que se estende até os fins do século dezoenove.

Certamente por estar numa ilha situada a meio caminho entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, não distante do continente e, em consequência, tornar-se parada obrigatória dos navios que se dirigiam ao Rio da Prata ou mesmo ao Estreito de Magalhães, a vila de Nossa Senhora do Desterro, depois simples-

mente Desterro, antes e durante o Império, sempre se prestou a ser registrada por quantos artistas que aqui desembarcavam, acompanhando expedições científicas ou mesmo comerciais, de bandeiras as mais variadas. A antiguidade da passagem dos europeus pela Ilha, as belezas encontradas nos seus vários recantos, que contrastavam e chocavam com a natureza europeia conhecida, a flora, a fauna, os costumes e a amabilidade dos habitantes locais, tudo impressionava aos navegadores, aos artistas e naturalistas que o acompanhavam, deixando em arquivos e coleções públicas ou particulares, diversas cartas geográficas, panoramas, flagrantes e memórias escritas sobre a terra e seus habitantes, recursos, governantes.

E o valor desta grandiosa obra, além da publicação em si, em expressivos dois volumes, 664 páginas, está principalmente na árdua tarefa de Gerlach em garimpar nas publicações, coleções particulares, arquivos públicos, museus e instituições culturais do Brasil, da América e da Europa, ao longo de algumas dezenas de anos, o que resultou nesta extraordinária coleção centralizada, agora, numa mesma e bela publicação à disposição do grande público.

Sem querer fazer a história de uma vila ou cidade, de Desterro, a simples publicação desta iconografia já serve para este objetivo. Simples análises e observações sobre a liberdade de criação de cada artista, de cada gravador em particular que exercia seu trabalho na Europa ou no país (Debret, por exemplo), a partir de esboços e desenhos feitos no local. Atente-se para as várias cenas “diferentes” de um mesmo local, registrando uma paisagem (Duché de Vancy, J. Brüggemann).

Acompanham as ilustrações, pequenas notas feitas pelo organizador da publicação, destacando aspectos biográficos de seus autores e técnicos das obras, das origens das fontes, o que enriquece sobremaneira o livro. Algumas vezes, e não são poucas, Gerlach usa o próprio texto escrito na época à guisa de *Notícias, Relatórios* ou *Memórias*, sem a preocupação de um julgamento ou contestação, o que afasta da natural inquietação de uma análise historiográfica mais detalhada, própria dos historiadores. Gerlach, assim, atinge o que pretendia, isto é, o registro iconográfico sem um mergulho mais profundo de suas raízes.

Os textos publicados, além das notícias, das memórias ou extrações de

jornais da época – muitas vezes reescritos, os retalhos comerciais encontrados e preservados são igualmente significativos, pois expressam realidades de uma época, muitas vezes totalmente inéditas.

Destaque para o diário da princesa Isabel, de quando esteve em Desterro acompanhando o marido, conde D’Eu, que, contrariamente aos demais visitantes, critica fortemente a cidade e seus habitantes.

Os dois volumes da publicação de Gerlach devem servir de exemplo para outras publicações sobre inúmeras cidades catarinenses e brasileiras, cujos registros, em texto ou ilustrações, encontram-se nos fundos de gavetas de colecionadores de modo que o altruísmo cultural passou longe de suas personalidades.

Registre-se, também, o longo caminho percorrido – que o organizador da obra não conta, as inúmeras salas de espera pelas autoridades umas e nem tanto outras, o esforço intelectual e a paciência de Gerlach em convencer os patrocinadores da importância da publicação. ■

texto | carlos humberto corrêa presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC).

### expediente



PRESIDENTE | Antônio Ubiratan de Alencastro  
DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO | Armando Costa  
DIRETORA DE DIFUSÃO ARTÍSTICA | Mary Garcia  
CONSULTORA JURÍDICA | Juliana Caon  
ASSESSOR DA PRESIDÊNCIA | Sival Santos da Silveira  
COORDENADOR DO NÚCLEO DE PROJETOS | Eugênio Lacerda  
GERENTE OPERACIONAL | Domingos Guedin  
GERENTE DE LOGÍSTICA E EVENTOS | Soraya Fôes Bianchini  
GERENTE DE PATRIMÔNIO | Karla Fonseca  
GERENTE DE PESQUISA E TOMBAMENTO | Halley Filipouski  
GERENTE DE ARTES | Caio Cavichioli  
ADMINISTRADORA DA ESCOLINHA DE ARTE DE SANTA CATARINA | Lygia Helena Roussenq Neves

ADMINISTRADORA DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM | Denise Thomasi  
SECRETÁRIA EXECUTIVA DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA | Susana Simon  
ADMINISTRADOR DA CASA DOS AÇORES MUSEU ETNOGRÁFICO | José Neves  
ADMINISTRAÇÃO DO MUSEU NACIONAL DO MAR | Fundação Catarinense de Cultura  
ADMINISTRADORA DA CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR HERCÍLIO LUZ | Marilóide da Silva  
ADMINISTRADORA DO TEATRO TEATRO ADEMIR ROSA E TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO | Margaret Westphal  
ADMINISTRADOR DO TEATRO GOVERNADOR PEDRO IVO | Irani Apolinário  
ADMINISTRADORA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Rosalba Elisabeth de Paula  
ADMINISTRADOR DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA | Samuel Max Seemann  
ADMINISTRADORA DA ESCOLINHA DE ARTE | Alessandra Ghisi Zapetini

ADMINISTRADORA DA CASA DA ALFÂNDEGA | Lucília Polli  
SECRETÁRIA EXECUTIVA DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA | Marita Balbi

## Ô Catarina!

EDITORES | Dennis Radünz e Jayro Schmidt  
COORDENADORA | Mary Garcia  
CONSELHO EDITORIAL | Jason de Lima e Silva, Jayro Schmidt, Mary Garcia, Péricles Prade e Onor Filomeno  
REVISÃO | Denize Gonzaga  
IMAGENS | *Desterro – Ilha de Santa Catarina*  
PLANEJAMENTO GRÁFICO E ARTE | Ayrton Cruz e Chris Dalla Costa  
IMPRESSÃO | Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Ioesc)  
TIRAGEM | 8 mil exemplares

### DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

APOIO |



FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA  
Av. Governador Irineu Bornhausen,  
5.600 – Agronômica – CEP 88025-202 –  
Florianópolis – Santa Catarina  
E-MAIL | ocatarina@fcc.sc.gov.br  
FONE | (48) 3953-2312  
SITE | www.fcc.sc.gov.br

# Libro-viagem

## Desterro, da imaginária ao imaginário

OLHARES EUROPEUS REGISTRAM O “EXOTISMO PRIMITIVISTA” DA ILHA, ENTRE REALIDADE OBSERVADA E DEVANEIO DE VIAJANTE, COMPÕEM O MOSAICO DO SÉCULO XVI AO XIX

“Sou viajante e marinheiro, isto é, um mentiroso e um imbecil aos olhos desta classe de escritores malandros e soberbos que, nas sombras de seus gabinetes, filosofam a perder de vista sobre o mundo e seus habitantes e submetem imperiosamente a natureza às suas imaginações.” (BOUGAINVILLE)

MÔNICA CRISTINA CORRÊA

Não é sem razão que Gilberto Gerlach, em sua longa pesquisa (40 anos de dedicação) sobre os relatos de viajantes que passaram pela Ilha de Santa Catarina do século XVI ao XIX, em *Desterro – Ilha de Santa Catarina*, cita o comentário de Bougainville sobre a literatura de viagens. A crítica que esse cientista francês do século XVIII tecia a respeito de escritores que, à sua maneira, legaram relatos à História, contém uma dicotomia na qual Gerlach se apoia para a elaboração de sua obra, dela tirando originalidade.

Em tempos em que a América do Sul era pouco conhecida ou explorada, é com o olhar dos viajantes e suas descrições do Novo Mundo que se conta para conhecê-la historicamente. Nesses relatos se desvela, pois, o Brasil com suas verdejantes florestas, um imenso litoral recortado de clima tropical, habitado pelos silvícolas e os primeiros colonizadores. No entanto, são relatos oriundos de olhares inelutavelmente permeados por experiências pessoais, isto é, subjetivas a cada viajante-escritor ou explorador de outrora. São narrativas que não passam ao largo da fantasia ou de avaliações vinculadas a determinadas pertenças, crenças e visões de uma época. Ao leitor contemporâneo caberá, então, “construir”, a partir de retalhos muito pouco uniformes, a história de uma terra e de um povo, nessa tarefa incluindo-se a compreensão dos aspectos que incitaram, ao longo do tempo, certas alegorias, devaneios ou deprecições. Malgrado a censura de Louis-Antoine de Bougainville (1729-1811), o conhecimento se constitui em observação e desta não se isenta a imaginação. É somente a partir dessas verdades um tanto pessoais, de seu somatório e de suas projeções nas ilustrações e representações pictóricas, que se revela um mundo anterior aos registros feitos pela fotografia. Resta que esta, surgida no século XIX, também é produto de um olhar subjetivo, da seleção que faz um caminhante da paisagem que o rodeia. Assim, é pelo

“outro” que nos chegará o passado do Brasil dos primórdios (infelizmente, não há relatos dos índios brasileiros); cabe ao historiador alinhavá-lo e interpretá-lo, tornando-o memória e assegurando a preservação da História. A essa tarefa se propôs Gilberto Gerlach em *Desterro – Ilha de Santa Catarina*, publicado em dois tomos, pelo Funcultural, com recursos da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

*Desterro* é, assim, uma obra que traz à tona visões da Ilha de Santa Catarina quando ainda seu nome era Nossa Senhora do Desterro, isto é, do século XVI até o XIX. Um longo percurso que o autor traça pela seleção de excertos dos primeiros viajantes a aportarem no litoral catarinense e a narrarem suas impressões, e encerra quando dos primeiros fotógrafos a registrarem a província já no Brasil independente. Assim, não se espere uma leitura conduzida por um fio definido, mas um mosaico redesenhado pelo autor a partir dos relatos de viajantes e cronistas, sempre acompanhados de iconografia, em cuja evolução se vai da pintura à fotografia. São múltiplos olhares que Gerlach cui-

Brasil à época. Há de encontrar, sem dúvida, a oscilação frequente entre o encantamento com a terra, vista quase sempre como paradisíaca por sua abundância e pelo clima ameno, e o espanto com o estado de miséria ou primitivismo que julgam impostos aos habitantes, sobretudo aos escravos negros. Essa oposição, porém, é notória em muitos relatos sobre o Brasil, desde o canibalismo. Para os europeus, era assustador o fato de terra tão fértil e edênica ser habitada por gente “sem fé nem rei nem lei”, que andava nua e não era cristã e, o mais temível, comia carne humana em estranhos rituais.

Mas a tônica das descrições da Ilha de Santa Catarina em *Desterro* não é a presença dos silvícolas canibais. As narrativas apresentadas por Gerlach se centram mais em aspectos da própria colonização e demonstram, por isso, a diversidade étnica que se tornou, na região, uma espécie de tradição. Não é sem espanto que alguns viajantes veem também as diferenças sociais; seus relatos têm significativo peso para que se compreenda que desde sempre tais discrepâncias marcaram a sociedade brasileira e que na província catarinense não foi de outra maneira.

Assim, o livro de Gerlach é em si uma viagem e poder-se-ia dizer que se faz e refaz com cada relato e personagem apresentados. A leitura das memórias que deixaram se torna exercício de visita ao passado: incita a imaginação a reconstituir uma paisagem exótica e uma

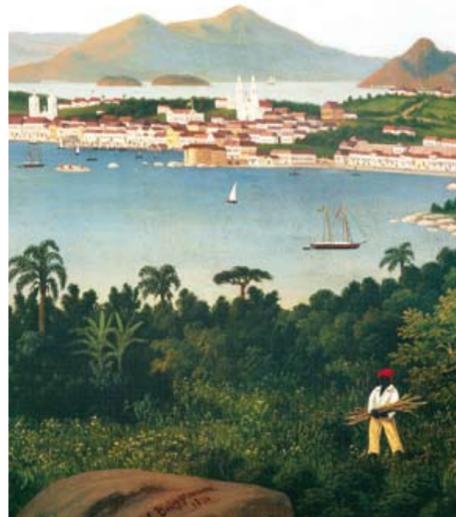
provincia fincada na floresta. A paisagem idílica da Ilha de Santa Catarina é uma redundante nas narrativas de antigamente e coaduna as visões a respeito das demais regiões do Brasil e não é raro que o litoral catarinense seja comparado ao do Rio de Janeiro. De fato, tratava-se de uma província que se fez muitas vezes porto alternativo, outras, parada para abastecimento ou ponto de observação de naturalistas.

Destaca-se, em *Desterro*, a presença maciça de narradores franceses, fato que aponta para duas características da época da colonização brasileira, incluindo-se a de Santa Catarina: a primazia dos franceses no que concerne à observação do Novo Mundo e à divulgação dessas informações, sobretudo no Século das Luzes, quando das viagens ditas de “exploração científica”, como por exemplo, a circum-navegação empreendida por Bougainville. A segunda característica é a francofilia nacional, também notória em Santa Catarina, cuja população, à sua maneira, imitava os costumes europeus seguindo o que se ditava em Paris.

É interessante notar, pelos recortes apresentados por Gilberto Gerlach, que a Ilha de Santa Catarina, não obstante sua posição de província e o fato de ter sido relegada a segundo plano nas questões de progresso e industrialização — durante muito tempo a comunicação com as grandes metrópoles foi dificultosa —, não escapa à regra das visões do Brasil em seus primórdios. ▶



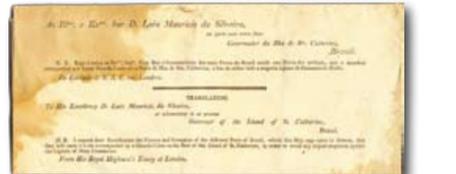
AGUADA EM SANTA CATARINA, DE EMERIC ESSEX VIDAL, 1835-1837. (ACERVO IPHAN/MUSEU CASTRO MAYA, RJ)



NO CENTRO, EM DESTAQUE, CATEDRAL E THEATRO SANTA IZABEL; VISTA DO DESTERRO, DE JOSEPH BRÜGGEMANN, CERCA DE 1866. (ACERVO PASCHOAL E RUTH GRIECO, SP)



METHODO DE PESCAR AS BALEAS, DE AS CONDUZIR PARA TERRA, E DELLAS EXTRAHIR AZEITE, ILUSTRAÇÃO DE ALPH BEAUCHAMP, S/D. (ACERVO BRUNO KADLETZ)



SALVO CONDUITO DE NAVIO INGLÊS PARA ENTRADA NO PORTO DA ILHA DE SANTA CATARINA, CERCA DE 1808. (ACERVO YLMAR CORRÊA NETO)



ÇAÇA AOS TOUROS NA ILHA DE SANTA CATARINA, S/D. (ACERVO BRUNO KADLETZ)

# Vidas precárias

O olhar eurocêntrico, isto é, a partir da visão europeia do mundo, marcou as interpretações sobre a Ilha de Santa Catarina ao longo dos séculos. Nota-se nisso o traço comum de um “exotismo primitivista” que, segundo o estudioso Tzvetan Todorov (*Nous et les autres*, 1989), consistiu muitas vezes na apologia do *outro* a partir da diferença; apologia nem sempre dotada de conhecimento aprofundado da cultura alheia. Também há esse aspecto nos relatos sobre Desterro: se a paisagem causa deslumbramento, não se dá o mesmo com o *modus vivendi* de sua população, que os visitantes apontam às vezes como precário. Mas isso não vem sem o reconhecimento da hospitalidade e da generosidade do habitante ilhéu.

Ora, essas visões se multiplicaram e acabaram por tecer uma imagem positiva da terra, a qual se projeta de forma tentacular na modernidade. A Ilha de Santa Catarina é tida, legitimamente, como uma das belas paragens do litoral brasileiro e seus habitantes considerados, de modo geral, simpáticos e acolhedores. Conquanto tenham de verdade incontestável essas observações, no século XVIII constituíam uma novidade para os estrangeiros.

Há também contrapontos das visões predominantemente europeias no livro de Gilberto Gerlach. Exemplo disso é a narrativa inédita de *Brazil and La Plata* (1852), do reverendo norte-americano Charles Samuel Stewart, que passou pela ilha: “Fazia tanto tempo que não presenciávamos uma paisagem rural de tanta beleza que, diante dela, parecíamos colegiais saindo para o recreio. O brilhantismo da manhã e a frescura do tempo nos davam a sensação, como se diz, de voar.” O deslumbramento de Stewart vai de par com o de muitos viajantes europeus, mas suas observações têm a naturalidade quase pueril de um homem desprovido de preconceitos.

Gerlach retoma alguns dos textos de viajantes reunidos no livro *Ilha de Santa Catarina – relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, organizado por Martim Afonso de Haro, em 1979 (Assembleia Legislativa). Mas há uma quantidade de inéditos que tira dos escombros uma bela parte das impressões sobre a antiga província, pois abrange, inclusive, um período maior, (do século XVI ao XIX) até que Desterro se tornasse Florianópolis, em 1894. São eles: Sieur Durret (1708), Courte de La Blanchardière (1747), no século XVIII, e Barão Roussin (1819), Pierre de La Gravière (1820), Dr. Garnot e Jules Le Jeune (1822), Henry B. Webster (1828), Michel C. H. Bacle (1832), Abel Du Petit-Thouars

(1837), Alexander Baguet (1845), Walter Colton (1846), A. Rugbaean (1850), Charles Samuel Stewart (1852), Friedrich Gers-täcker (1861), Conde de La Hure (1862), Amadeus Guidez (1863), Franz Epp (1863), István G. de Szendröe (1864), Oskar Cans-tatt (1871), Visconde da Graça (1873), Hans Hoffmann (1878), Giulio Lorenzoni (1878), Herbert Smith (1881), Antonio Lopes Mendes (1883), Karl von Koseritz (425), Diário da Princesa Isabel (1884), G. Verschuur (1889), A. Marc (1890), A. Mouchez (1890), Paulo Várzea (1890), no século XIX.

O mesmo ocorreu com a iconografia. O trabalho do autor, verdadeiro garimpo, traz novidades: 33 desenhos e pinturas inéditos e 24 fotografias jamais vistas.

Nas páginas 180 a 182 de *Desterro*, Gerlach abre espaço para um artigo do historiador Amílcar D’Ávila de Mello, autor de *Expedições e crônicas das origens – Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos (1501-1658)*, publicada em três volumes pela Editora Expressão, em 2005. Trata-se de um texto sobre Michel César-Hyppolite Bacle, no qual, diferentemente de todo o restante da obra, fala-se do que ficou oculto. Um texto que elucida sobre o certamente valioso material perdido no naufrágio desse francês que teria sido o introdutor da litografia na América do Sul e realizado imagens da Ilha de Santa Catarina (1832-1833). Bacle instalara-se em Buenos Aires em 1825, onde fundou oficina litográfica. Depois de uma década, descontente com a repressão do governo argentino, parte com sua esposa e os dois filhos para Santa Catarina e permanece por dez meses. O naufrágio do retorno destruiu o material que o viajante descreveu, conforme cita o historiador Amílcar: “(...) Até aquele momento eu achava que podia salvar tudo que tinha no porão, (...) todos os meus manuscritos da *História Natural da Província de Santa Catarina*, que conformavam aproximadamente 4 volumes prontos para serem impressos e um volume de lâminas contendo várias vistas da cidade e do porto, de um considerável número de flores e plantas dentre as mais interessantes da província, muitas das quais ainda nem tinham sido descritas, tudo pintado ao natural pela minha esposa (...).” É, pois, uma avaliação do que o acaso amputou à História, material que decerto continha peculiaridades. São lacunas que permitem inferir parte do que se perdeu. Se a História se faz sobretudo com o resultado do que ficou registrado, esses lapsos e falhas lembram que as interpretações podem renovar-se e que será privilégio do imaginário enxertá-las.



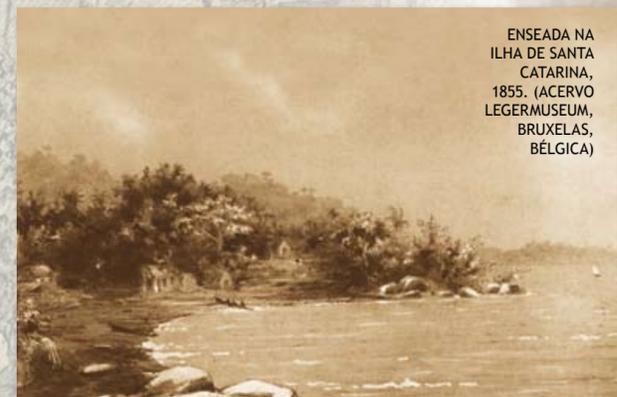
IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, DETALHE, DE JOSEPH BRÜGGEMANN, 1868. (ACERVO SÉRGIO FADEL, RJ)



ILHA DE SANTA CATARINA, DE JOSIAH SAVAGE, 1849. (ACERVO BRUNO KADLETZ)

“(...) Oh, frequentemente, nos meus devaneios Desejei que a pequena ilha tivesse asas, E nós, em seus encantados recantos, Fôssemos transportados para mares desconhecidos, Onde nenhum pulso bateria senão o nosso, E pudéssemos viver, amar, morrer, sós — Longe do cruel e do frio — Onde somente os olhos brilhantes de anjos Pousassem sobre nós, Resguardando este paraíso tão puro e solitário.”

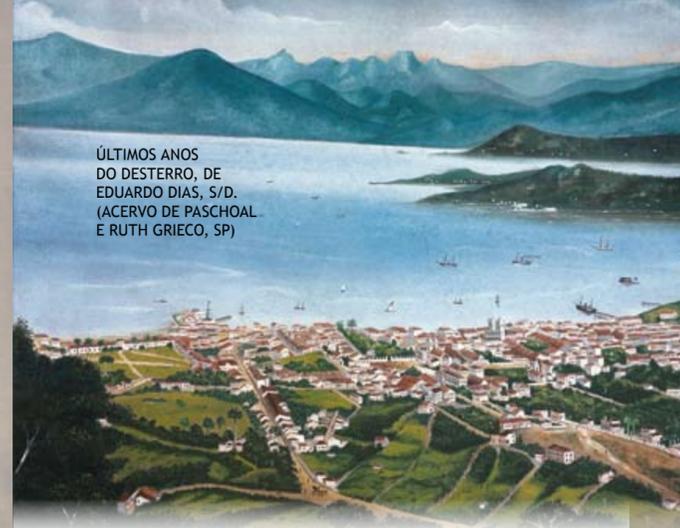
(WALTER COLTON, JANEIRO DE 1846)



ENSEADA NA ILHA DE SANTA CATARINA, 1855. (ACERVO LEGERMUSEUM, BRUXELAS, BÉLGICA)

“Sentamo-nos em uma vasta mesa de hotel, a mais convidativa que vi desde que deixei os Estados Unidos, consistindo em uma variedade de peixes, ostras, lagostas, carnes, galinhas, perus e outras aves. O pão era excelente e a manteiga fresca vinha da colônia alemã de São Pedro de Alcântara...”

(CHARLES SAMUEL STEWART, JUNHO DE 1852)



ÚLTIMOS ANOS DO DESTERRO, DE EDUARDO DIAS, S/D. (ACERVO DE PASCHOAL E RUTH GRIECO, SP)



ILHA DAS VINHAS, NA PONTA DO JOSÉ MENDES, A CAMINHO DO SACO DOS LIMÕES, CERCA DE 1890. (ACERVO GILBERTO GERLACH)



BAÍA SUL E BAIRROS DA FIGUEIRA E RITA MARIA, DE CONRADO GOELDNER, CERCA DE 1890. (ACERVO DE BRUNO KADLETZ)



CASA DA SYRIA, RUA DO PRÍNCIPE, DEFRENTE À ALFÂNDEGA. (ACERVO ROLF GUTBERLET)

# Império e Imprensa

E para além das visões estrangeiras sobre Santa Catarina, um elemento singular proporciona, como no caso da imprensa, o “autoconhecimento”. O diário da Princesa Isabel, de quando esteve com o marido francês, o Conde D’Eu, e os três filhos em Desterro, no ano de 1884, por 12 dias. É um conjunto de impressões e cartas que expediu aos pais, gentilmente cedida pelo Príncipe Dom Pedro Carlos de Orléans e Bragança (Petrópolis) a Gilberto Gerlach para publicação. Os manuscritos revelam a visão de uma autoridade, porém de uma autoridade brasileira e lusófona. Ainda que a princesa não conhecesse antes Santa Catarina, sabe-se que estava em território nacional e é com a naturalidade de sua expressão que narra a província.

De fato, visitas imperiais marcaram Desterro. O primeiro imperador veio em 1826, fazendo-se acompanhar também pelo litógrafo Jean-Baptiste Debret, que viera já com a “Missão Francesa” em 1816, cujo objetivo era fundar a escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Sabe-se que Debret retratou a sociedade brasileira com rara fidedignidade e foi quem escolheu as cores da bandeira do país; é por suas imagens que se conhece o tratamento vil reservado aos escravos negros. O pintor francês deixou oito panoramas de Santa Catarina e ainda assim houve quem pusesse em dúvida sua passagem. Gerlach, com o acurado levantamento que propõe, praticamente desfaz as hesitações.

D. Pedro II, junto à imperatriz Teresa Christina, passou por Desterro em 1845, quando contava 20 anos. Mais tarde, em 1865, efetivamente, fez uma visita protocolar e cheia de inspeções, vistoriando escolas, prisão, hospitais. Os jornais catarinenses da época retratam um homem de grande generosidade.

Outra passagem ilustre que se poderá ver em *Desterro* é a do Visconde de Taunay, em 1876. Homem de grande erudição, cujo pai foi preceptor do Imperador Pedro II e cujo avô era o pintor Nicolas Antoine Taunay, que viera também com a Missão Francesa de 1816, deixou belas impressões sobre a Ilha de Santa Catarina. Brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 1795, o Visconde de Taunay governou a Província de julho a novembro de 1876 e teve um filho nascido no Palácio do Governo (atual Cruz e Sousa), o grande historiador Afonso d’Escragnoille Taunay. Essa ilustre descendência da família Taunay, que abre o segundo tomo de *Desterro*, é mais um elemento a lembrar que, mesmo sem grande contingência imigratória francesa, o Brasil, a que Santa Catarina não faz exceção, formou-se culturalmente em bases francófonas.

Ao retratar a Ilha de Santa Catarina no século XIX, Gilberto Gerlach vai introduzir, entre

os relatos de viajantes, a imprensa. Páginas de periódicos cuidadosamente selecionadas e reproduzidas vêm somar-se às narrativas, gravuras e pinturas que até então delineavam a antiga província. Uma vez elevada de vila à cidade por Dom Pedro I, Nossa Senhora do Desterro também entraria numa nova fase, de crescimento e inovações. Floresce o comércio, nascem os teatros, cuja história o autor, cinéfilo e fundador do Cineclub Desterro (1968), vai reconstituir. Os jornais, com seus anúncios e notícias, seções variadas, colore as narrativas de outrora e permitem que se volte ao tempo dos acontecimentos.

É nessa estrutura polifônica de *Desterro* que se insere a era da fotografia; o autor faz o inventário dos primeiros fotógrafos daquela que ele chama de “cidade do fotógrafo ambulante”. Com os olhares europeus e suas descrições, vai cruzar o olhar astuto e despretensioso desses captadores de imagens. Nossa Senhora do Desterro se dá a conhecer, ao fim do segundo tomo, por meio de antigos clichês, alguns inéditos até então.

Enfim, no livro de Gilberto Gerlach, as múltiplas vozes que ecoam narrando Desterro do século XVI ao XIX e as várias facetas de uma natureza desproporcionalmente exuberante em relação à modéstia das habitações da Ilha de Santa Catarina de outrora, prefiguram parte de sua existência contemporânea. No tocante à convivência de diversas etnias e ao deslumbramento com a natureza que talhavam a ilha para o atual cosmopolitismo incitado pelo turismo e pela imigração, seu passado patenteava-se profético. É, pois, “zelando pelo fio da narrativa”, conforme sugere Rodrigo de Haro no prefácio à obra, que Gerlach “potencializa a memória” (ainda segundo o poeta) e assegura às próximas gerações a construção da História. O labor de uma vida consagrada à reunião de recortes e colagens que resultam nessa obra feita de imagens literárias e pictóricas que aguçam a imaginação de todo leitor.

Sem dúvida, em tempos de imperialismo da virtualidade, de um cotidiano repleto de informações voláteis, da estonteante quimera de um futurismo desdenhoso do passado, o livro de Gilberto Gerlach se torna referência porque relembra, com Jean-Philippe de Tonnac: “Mais do que nunca, percebemos que a cultura é justamente o que sobra quando todo o resto foi esquecido.” [Tonnac, Jean-Philippe (org.), *N’espérez pas vous débarrasser des livres (entretien entre Jean-Claude Carrière et Umberto Eco)*, Paris, Grasset, 2009. p.12] <sup>1</sup> ■

texto | mônica cristina corrêa é PhD em Língua e Literatura Francesa com pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo — USP.

VISTA DO  
DESEMBARQUE DE  
SS.MM. O IMPERADOR  
DO BRASIL NA ILHA DE  
SANTA CATARINA NO  
DIA 12 DE OUTUBRO  
DE 1845, DE VICENTE  
PRIETO, 1845.  
(ACERVO PASCHOAL E  
RUTH GRIECO, SP)



*Lit. por Prieto*

*Vista del desembarco de S. M. el Emperador y Emperatriz del Brasil en la Isla de S. Catarina  
el dia 12 de Octubre de 1845.*

# Gilberto Gerlach

CONCEDIDA A JAYRO SCHMIDT, MARCO VASQUES E MARY GARCIA

Pintura, fotografia, gravura e relato de viagem emergem da “escuta” paciente e minuciosa de Gilberto Gerlach, pesquisador que nos revela um pouco do percurso que o levou a dedicar os últimos 40 anos ao registro iconográfico-documental de *Desterro – Ilha de Santa Catarina*. No livro, a narração da história é feita por quem aqui esteve, com o sabor e o saber da viagem científica, artística e documental, ou por quem mais comumente se movia por interesses econômicos, como os aventureiros estrangeiros nas terras do Brasil colonial. O itinerário dessas procuras ressalta nas imagens que lembram as dos sonhos e que chegam até nós com a velatura do tempo em seu despertar. O passado, como queria Walter Benjamin, captado no instante de seu aparecer, formando a sucessão geográfica e cultural de um lugar que agora existe somente na lembrança. Assim, *Desterro – Ilha de Santa Catarina* soma-se a edições similares como *Ilha de Santa Catarina – relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, de Martim Afonso de Haro, 1979 (livro de que participou) e *São José da Terra Firme*, 2007, realizado em parceria com o pesquisador Osni Machado.

Gilberto Gerlach, além de engenheiro, é responsável pela cena viva do cinema de arte no Sul do Brasil, e se dedicou à fotografia e ao cinema. Sua produção em preto e branco já está destinada à memória dos anos 60, principalmente a direção de *Novelo* – em parceria com João Paulo Sousa, que também escreveu o roteiro a partir do argumento de Pedro Bertolino –, que funda a cinematografia de arte em Santa Catarina. Realizado em 1968, o curta-metragem é marcado pelo existencialismo então em voga, e, à beira da contracultura, obtive no mesmo ano a Menção Honrosa no Festival de Cinema Amador do Rio de Janeiro. Participou de outros filmes e está à frente do Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro desde a sua criação, também em 1968. *Ô Catarina!* refaz parte dessa trajetória vivida entre o cinema e a história nas próprias palavras de Gilberto Gerlach:

## Projeções do passado no presente

*Ô Catarina!* | Nos 40 anos de pesquisa para o livro, você recebeu a colaboração de amigos, pesquisadores e historiadores. Quais foram as suas contribuições para a realização desse trabalho?

Gilberto Gerlach | Costumo dizer que nesse trabalho duas pessoas me foram fundamentais, que conheci em 1963, e me despertaram o prazer e o interesse por buscar e pesquisar sobre a cidade antiga. Fiz uma visita ao ateliê de

Martinho de Haro e ele estava trabalhando

em cima de fotografias apaga-

das da Desterro de 1890. Quando eu olhei aquelas imagens, pensei: mas que cidade fantástica esta do século 19. O porto, a vivência marítima, o convívio com o mar, as construções próximas ao mar. Ali se estabeleceu a minha curiosidade e o primeiro olhar para um passado que para mim estava perdido, escondido. Com Martinho de Haro eu direcionei o olhar. Em seguida, conheci Osvaldo Cabral. Fui fazer uma visita a ele e ficamos uma tarde toda conversando sobre Desterro. E tive acesso a todo o seu acervo fotográfico. Neste período eu saí do encantamento para a ação e começo a fazer reproduções de imagens de Desterro.

Vendia as imagens e vivia de vender fotografias, painéis. Fiz uma exposição no ARS [Centro Comercial Aderbal Ramos da Silva] em 1972 em que expus mais de 200 fotografias, todas ampliações. Uns vinte painéis. Eu fui fazendo isso de maneira intuitiva e arriscada. Com o tempo percebi que a iconografia e a historiografia de Desterro tinham que ser estudadas. Encontrei dois pilares fundamentais que me deram suporte: Martinho de Haro na pintura e Osvaldo Cabral na história, aos quais devo muito deste trabalho.

*ÔC!* | Em 1968 você inaugurou o Cine Clube Desterro. Foi o encontro com Martinho de Haro e Osvaldo Cabral que o conduziram à imagem e ao cinema? Gerlach | Também. Não posso negar. Mas é preciso dizer que a paixão pelo cinema data de tempos remotos. Quando eu tinha 10 anos de idade, tive a sorte de ter sido reprovado no exame de admissão para fazer o ginásio aqui em Desterro. Como castigo pela reprovação, meus pais me mandaram para o internato em Blumenau, no Colégio Santo Antônio. Aquilo era considerado, por meus pais, um castigo, mas também viam nisto uma oportunidade de vivência num mundo diferente, o alemão. Um castigo porque vivíamos ali em São José, à beira do mar

com todas aquelas montanhas. Nossa vida era no paraíso. Portanto, a saída dali era considerada um castigo. Então vocês imaginam uma criança sair de uma vida dessas e ir para um internato de padres franciscanos. Era terrível. Contudo, o castigo me permitiu a descoberta do Cine Clube. Os padres franciscanos exibiam filmes nas quartas e nos domingos. Ali eu consegui ver muitos clássicos do cinema italiano, francês, russo, brasileiro etc. Daí vem minha paixão pela imagem, daí vem minha paixão pelo cinema.

*ÔC!* | A fotografia e a pintura constroem em seu livro como se fossem narrativas. Afinal, quem melhor retratou Desterro: o pintor ou o fotógrafo? Gerlach | Tomei muito cuidado ao unir fotografia e pintura, pois são linguagens distintas. Discuti cada página com o Renato Rizzaro, o programador gráfico da edição, porque ele sempre colocava a questão da pintura com a fotografia. Sobre tudo quando usamos a pintura contemporânea nos tomos I e II, obras de Eduardo Dias, Martinho de Haro e Rodrigo de Haro. Corremos o risco de colocar estes pintores dentro de um livro que versa, em sua maior parte, sobre o século 19. Tivemos muito cuidado para não descaracterizar o trabalho. Quanto

à pergunta sobre quem retratou melhor Desterro, o pintor ou o fotógrafo, acho que ambos foram fundamentais e de suma importância.

*ÔC!* | No livro *Desterro* há a ausência quase completa da imagem dos negros? Por quê?

Gerlach | Não encontrei fotografias de escravos. Muito difícil encontrar fotografia deles, já que tinham “pouca função social”. Entenda aqui o termo no seu pior sentido.

*ÔC!* | Outra peculiaridade é o caráter eurocêntrico dos relatos. Praticamente todos os relatos sobre Desterro que o livro apresenta vêm do olhar europeu. Não há relatos de cronistas de outros continentes durante todo este período? Gerlach | No livro *Viajantes Estrangeiros* (1979) há algumas narrativas que não estão aqui. Era preciso enxugar um pouco porque muitas outras, inéditas, tinham aparecido. Também porque eram narrativas que não versavam muito sobre o dia a dia da Ilha. São mais relatos dos cronistas sobre suas próprias viagens. Algo que não revela o modo de vida do povo ilhéu. A maior parte dos textos vem do continente europeu, alguns da Améri-

ca do Norte, um do Japão. Neste aspecto, não houve escolha: qualquer texto revelador é importante, independentemente de onde vem.

*ÔC!* | Depois de toda essa pesquisa, o que você destacaria como moderno no século 19 na cidade de Desterro?

Gerlach | O que era considerado moderno? Bem, vejamos, porque a provocação é boa. Não cheguei a uma definição exclusiva do que era considerado moderno, pois minhas intervenções são mais de um observador do que de um crítico. No final do século 19, quando o governador Gama Rosa vem para cá, e, um pouco antes, tivemos a vinda de Taunay, cuja presença aqui foi um fator moderno porque ele era um homem das letras e das artes, embora um militar. Antes ainda, tivemos entre 1779 e 1796, durante sete anos, o governador *Sete Carapuças* (Teixeira Omem), que, além de excelente administrador, era um excêntrico, andando pelas ruas descalço e recitando odes latinas. Mas o Gama Rosa foi mais ousado. Muito mais. Seguramente com a presença de Gama Rosa criou-se um ambiente em que foi possível o surgimento de homens como Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. É bem possível que sem Gama Rosa essas figuras permanecessem no anonimato. Embora muito criticado, descobri no Arquivo Nacional manuscritos de Paulo Várzea, filho do Virgílio Várzea, chamados “Impressões da Província”. Tentei dar uma ordem a tudo aquilo, pois a maior parte estava deteriorada, rasgada. O que pude recuperar dá para perceber que Gama Rosa saía com Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo, Horácio de Carvalho etc., rapazes da “Ideia Nova” e que se autodenominavam “guerrilheiros” e tinham como lema a inteligência, a bondade, o caráter e o amor ao trabalho. Saíam uma vez por semana para fazer a volta ao morro. Iam distribuindo a “Tribuna Popular” que trazia ideias novas. Atrás deles, percebe-se na narrativa do filho do Virgílio Várzea, vinham os vagabundos, os maltrapilhos e os malucos populares das ruas. Claro que todos olhavam e ficavam horrorizados, pois como um governador poderia estar junto a poetas e vagabundos? Aí, para mim há um elemento de, digamos assim, modernidade. Quanto à pintura parece que Victor Meirelles eclipsou os demais; no desenho tivemos a atuação constante

do traço de Joaquim das Oliveiras Mar- garida. Eduardo Dias viria depois.

*ÔC!* | Quanto tempo Taunay e Gama Rosa ficaram em Desterro?

Gerlach | Taunay, cinco meses; Gama Rosa, um ano. Este, médico, fez seus estudos primários em Desterro e foi aluno de Fritz Müller. Costumava abrir duas vezes por semana o Palácio para fazer atendimento médico. Atendia a uma fila enorme de indigentes.

*ÔC!* | Há algum paralelo entre o século 19 e o 21?

Gerlach | Cronologicamente temos um tempo pequeno, contudo as diferenças são enormes. Gigantescas. No século 19 não havia luz, telefone, água encanada, automóveis, emprego. No século 20 tudo muda. É preciso dizer que a pesquisa, quando comecei, iria se restringir especificamente ao século 19. Eu pouco dispunha de material dos séculos 16 e 17. Com o lançamento de *Crônica das Origens – Expedições*, de Amílcar d’Ávila, percebi que precisava estudar e contemplar estes séculos, ainda que de passagem.

*ÔC!* | Por que a ênfase no século 19?

Gerlach | Porque é no século 19 que começa, efetivamente, a povoação da Ilha. A partir de 1800. É aí que o documental e a cultura se fundem e temos o começo da ocupação do paraíso. O meu interesse, na realidade, não é o do radicalismo aristotélico, vai mais para o logos platônico, ou seja, um mundo projetado que não tem começo e acabou numa tragédia. Por isso, para exemplificar, volto à questão que falávamos há pouco sobre colocar imagens contemporâneas no livro. Uma coisa que eu achei um pouco complicada no livro do Amílcar é justamente a inserção de fotografias atuais, contemporâneas. Sob o meu ponto de vista, este é outro tratamento que não dialoga com a proposta. Pessoalmente penso serem perigosos esses paralelos. Claro que eles podem ser feitos, mas evitei ao máximo fazer aqui.

*ÔC!* | E por que não se deve fazer isso, por uma questão de linguagem?

Gerlach | Sim, por uma questão de linguagem visual, sobretudo. Mas também para não provocar comparações. Não temos como comparar estas épocas. Já arisquei bastante colocando pinturas contemporâneas. Claro que eu poderia usar mais artistas nossos como Fossari, Aldo Nunes e Aldo Beck, mas seria um exagero, uma catalogação.

*ÔC!* | Qual foi a sua sistemática de trabalho, como chegou à ideia de fazer uma obra desse porte?

Gerlach | Em princípio eu comecei a fazer esta obra para mim mesmo. Nunca imaginei que um dia pudesse ter a chance de publicar um livro assim. Há 20 anos nem pensava nisto, apenas trabalhava com muita regularidade. Para vocês terem uma ideia, quando comecei a fazer a obra li todos os jornais de 1853 a 1894. Eu os li, lentamente, página a página, durante 40 anos. Eu saía do meu curso de engenharia e nas horas vagas ia para as bibliotecas e ficava duas a três horas por dia fazendo a leitura. Este foi o método inicial. Encontrei muita coisa surpreendente como o aspecto lúdico nos equilibristas, jogos de teatro, as sessões da lanterna mágica, os prestidigitadores, as corridas de cavalo, touradas. O aspecto religioso com procissões ritualísticas de beleza inimaginável. Há no livro a descrição de um estrangeiro húngaro, István de Szendrőe (1864), que narra com detalhes a procissão da festa do Divino Espírito Santo. Antes, em 1852-53, Charles Sa-

“Acho que não cabe a mim avaliar meu próprio trabalho. Acredito que na medida em que o livro circular, os historiadores se debruçarão e dirão o que pensam.”

muel Stewart já o fizera. Era uma cena teatral, de beleza monumental. Na leitura dos jornais, quando encontrava um texto revelador, copiava-o na íntegra, sempre cronologicamente, ano a ano. Assim se deu meu processo de pesquisa. Depois, com a tecnologia, outros métodos se somaram.

*ÔC!* | A busca iconográfica obedece esse mesmo método?

Gerlach | Também, além das coisas que acontecem por acaso como a imagem que ilustra o texto do Frei Agostinho Santa Maria. Um dia eu estava na Assembleia Legislativa e olhava um quadro enorme do Rodrigo de Haro. Dirijo meu olhar para a parte posterior, à direita, e vejo ali a imagem que procurava para ilustrar o texto do Frei Agostinho, do século 18. Aqui temos uma exceção, que é uma pintura de 1965 junto com um texto de 1722. Temos mais de 200 anos de diferença. Como afirmei anteriormente, procurei fugir disso porque penso ser perigoso, mas, neste caso, coube perfeitamente. Uma exceção que se repetiria mais vezes.

*ÔC!* | Gilberto, temos como saber qual foi o primeiro registro iconográfico da Ilha de Santa Catarina?

Gerlach | Todos os nossos historiadores que conheceram os primeiros registros iconográficos da Ilha afirmam que é o retrato de Ulrich Schmidl, que esteve na Ilha em 1538, ou os desenhos dos *Carijó* e os da narrativa de Hans Staden (1550). Há, no livro, imagens que Boiteux e Cabral não chegaram a conhecer. Com a internet se abre um campo novo: todo dia encontramos imagens diferentes. Considero que meu livro é o início de uma pesquisa. Daqui a poucos anos teremos novas descobertas. Mas me considero satisfeito por poder registrar esse material todo que servirá à pesquisa de estudantes, professores, historiadores, leitores e amantes da memória de nossa cidade.

*ÔC!* | Como você definiria esse trabalho?

Gerlach | Acho que não cabe a mim avaliar meu próprio trabalho. Acredito que na medida em que o livro circular, os historiadores se debruçarão e dirão o que pensam.

*ÔC!* | Qual o critério de distribuição do livro, já que foi realizado com recursos públicos?

Gerlach | Antes de falar da distribuição é preciso dizer que apliquei, durante esses 40 anos de pesquisa, uma quantia aproximada de 100 mil reais. Este dinheiro veio dos bons tempos do Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro. A tiragem do livro é modesta, 1.000 exemplares. Então ficarei com 330 exemplares e os 670 restantes serão distribuídos gratuitamente para bibliotecas, professores, pesquisadores, historiadores, jornalistas, enfim, serão distribuídos para pessoas que vão disseminar a obra e avaliar sua importância para a história de nossa cidade. As pessoas que receberão o livro, em sua grande maioria, são pessoas que vão dividir o mesmo com a sociedade catarinense. E aí está o real interesse de ter feito uma obra deste porte: o de oferecer ao nosso Estado um registro do passado de nossa sociedade. Como afirma Rodrigo de Haro na apresentação do livro, somos, sobretudo, memória. ■

foto | márcio h. martins | mis/sc





# A Ilha

## Concessão de Cabeza de Vaca

JOÃO CARLOS MOSIMANN

No mínimo duas dúvidas assaltam o catarinense interessado nas questões históricas relacionadas ao século 16. Por que Cabeza de Vaca veio diretamente de Cádiz, na Espanha, à Ilha de Santa Catarina? E por que assentou a tripulação em terra, no pressuposto de uma estada mais prolongada, tomando posse formal da Ilha? Depois de algumas semanas na Ilha, resolveu mudar-se para um melhor local, em terra firme, a cerca de três léguas de distância. Batizou o sítio com o nome de *Puerto de Vera*, homenageando seus ancestrais paternos, já que o sobrenome Cabeza de Vaca herdara de sua mãe.

Um dado curioso, ignorado pela maioria dos historiadores, revela um detalhe que talvez esclareça. A *Capitulación* assinada entre a Coroa e Alvar Núñez Cabeza de Vaca rezava em seu capítulo 9:

“... en caso que como dicho es el dicho Juan de Ayolas sea bivo al tiempo que llegaredes a la dicha provincia prometemos de vos fazer merced de la dicha ysle de Santa Catalina por termino de doze años para en que tengais granjerias y os aprovecheis della com que no podays sacar indios fuera de la dicha ysle.”

Ou seja, se Juan de Ayolas, governador do Rio da Prata, estivesse vivo, Cabeza de Vaca permaneceria na Ilha, uma concessão pessoal de Sua Majestade, pelo período de doze anos, com a condição de os índios serem bem tratados. Com a notícia da morte de Ayolas, trazida por desertores do grande estuário, Cabeza de Vaca preferiu assumir o *adelantado* da província, para o qual dispunha daquela provisão real. Havia um verdadeiro reinado a ser exercido em nome da Corte Espanhola.

Era 29 de março de 1541 quando Cabeza de Vaca chegou à Ilha e ali acampou. Estava disposto a sediar na edênica Ilha sua base de operação, tomando posse formal de tudo que a ela pertencesse, a 18 de abril, em nome do Rei, perante o escrivão Juan Araoz. Em maio, chegaram nove espanhóis num batel, nus e famintos, fugindo de Buenos Aires. A fuga num frágil e pequeno barco dá a ideia do desespero que dominava o povoado recém-fundado, na verdade um pequeno forte às margens do Rio da Prata que não conseguiu resistir ao insistente assédio dos índios. Além de descreverem os maltratos por parte dos capitães castelhanos, os desertores relataram o massacre sofrido por Juan de Ayolas nas mãos dos *payaguá* do Rio Paraguai.

A culpa pelo massacre foi atribuída ao autoritário Domingo Martínez de Yra-

la, lugar-tenente de Ayolas, por ter abandonado o porto de Candelária, onde recebera ordens de guardar os bergantins que aguardavam o retorno de Ayolas. De acordo com relatos fidedignos, Yrala ficava o dia todo trancado em sua cabine com uma jovem índia, filha de um cacique *payaguá*, que Ayolas recebera como prova de amizade e deixara sob sua custódia até que voltasse. Indignados, os índios *payaguá* acabaram resgatando a filha do cacique dos braços de Yrala e o fato pode ter contribuído para a vingança fática. Yrala esperou apenas quatro meses e, carente de alimentos, preferiu abandonar o local. Convém lembrar que a mãe de Ruy Díaz de Guzmán, o primeiro historiador argentino, era filha de Yrala com uma índia guarani.

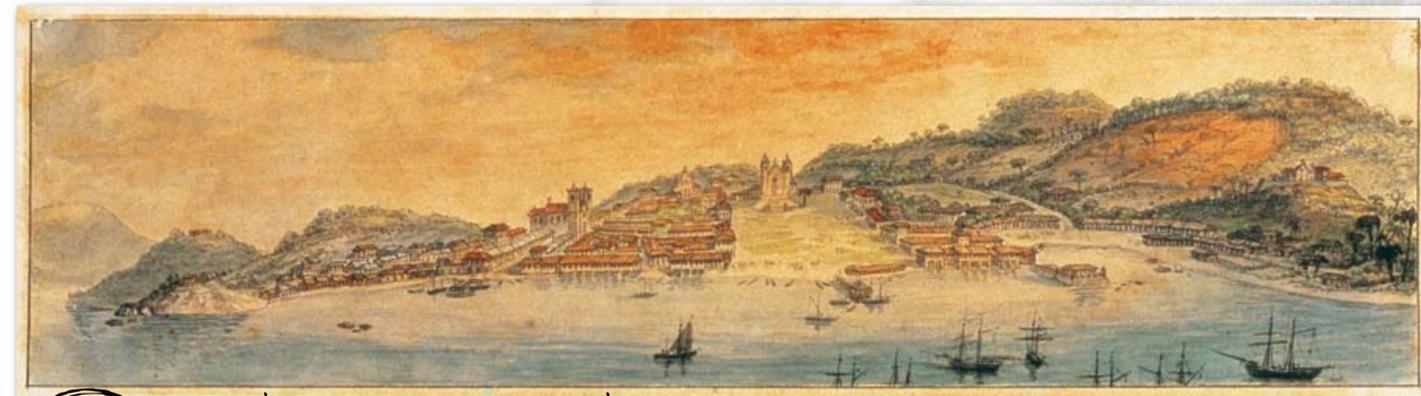
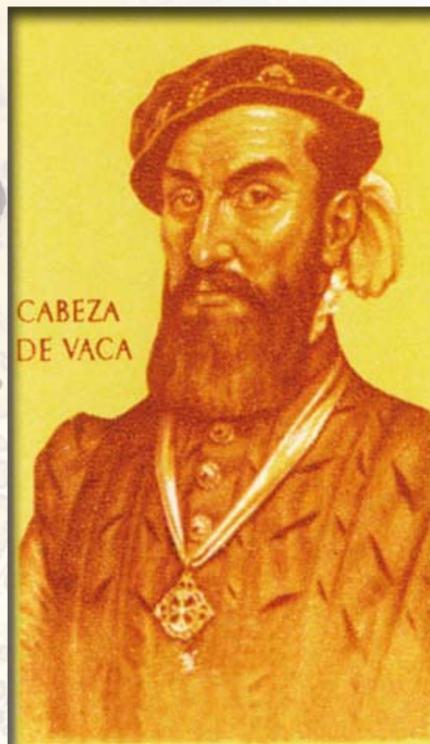
Ulrich Schmidl, o aventureiro alemão que vinha na expedição, conta que duas caravelas carregadas de mantimentos, a poucas léguas de onde estavam os espanhóis na Ilha, foram atingidas por uma tormenta que as destruiu, salvando-se apenas o pessoal. Como a mudança de local deu-se entre uma praia da Ilha, onde eram abastecidos normalmente, e uma enseada do continente, o naufrágio das caravelas ocorreu certamente numa das baías, provavelmente na Baía Sul.

Diante do relato dos desesperados fugitivos que vinham de Buenos Aires e desfalcado de duas caravelas, Cabeza de

Vaca decide mandar uma expedição por mar para Buenos Aires e outra por terra para Asunción. E o *adelantado* parte liderando pessoalmente 250 arcabuzeiros e besteiros, dois frades franciscanos e 24 cavalos. Era 18 de outubro de 1541 quando embarcaram em uma nau com destino à foz do Rio Itapocu. Antes de partir, ofertaram muitos presentes aos *carijó* da Ilha que, agradecidos, ofereceram-se para acompanhá-los como guias.

Nas areias da praia de Barra Velha, na barra do Rio Itapocu, em 2 de novembro, dá-se início a longa jornada pela trilha do Peabiru, inspirada indiscutivelmente em Aleixo Garcia, o naufrago da Ilha que a explorou pioneiramente. Para quem havia percorrido 18.000 Km, enfrentando feras e antropófagos na América do Norte, o caminho proposto representava um singelo passeio ao Paraguai. Chegariam a Asunción em 11 de março de 1542, depois de 130 dias de caminhada, fome e inúmeras peripécias, dentre elas a descoberta das cataratas do Iguaçu. Santa Catarina e a expedição histórica ficariam celebrizadas em *Comentários*, um *best-seller* da literatura universal publicado em Valladolid em 1555. ■

texto | João Carlos Mosimann é escritor e historiador, autor de livros sobre a história de Santa Catarina, entre eles “Catarinenses – Gênese e História” (2010).



PORTO NA BAÍA SUL, ILHA DE SANTA CATARINA, DE JEAN-BAPTISTE DEBRET, 1826-27. (ACERVO IPHAN/MUSEU CASTRO MAYA, RIO DE JANEIRO)

# Debret

## Viagem iconográfica

JAYRO SCHMIDT

Pintores, desenhistas e gravadores, que particularmente podem ser chamados de documentaristas, tinham em vista disposições sistemáticas de imagens, praticamente uma sintaxe visual com o objetivo de testemunhar a genealogia de lugares, costumes e outras circunstâncias. Artistas cientes de que somente assim poderiam atingir a totalidade de culturas para eles exóticas, daí o sentido detalhado e descritivo de suas obras.

Esta cultura documental, de estudo e registro, remonta ao Renascimento, em especial a Leonardo da Vinci e a Albrecht Dürer, a ponto de se poder dizer que a arte tornou-se científica e a ciência artística. Delimita-se aqui a amplitude do Renascimento, que teve a denominação somente no século 16, mérito de Vasari, pintor e historiador que percebeu suas específicas e precursoras manifestações no século 14.

Com a veracidade na história, foram luzes francesas que consolidaram o rigor documental, tendo nas academias, em relação às artes plásticas, doutrinas concebidas por Jacques-Louis David, primo de quem melhor registrou a brasilidade no século 19 colonial, Jean-Baptiste Debret.

Debret, com sólida formação neoclássica, a convite do bonapartista Joachim Lebreton imigrou para o Brasil,

colônia que originou a Missão Francesa, desembarcando no Rio de Janeiro a 26 de março de 1816, onde permaneceu até 25 de julho de 1831. Foi professor de pintura histórica na Real Escola de Ciências, Artes e Ofícios e cenógrafo do Real Teatro São João. Além disso, por decreto obteve o cargo de pintor de história e organizou, na Academia Real de Belas-Artes, o primeiro salão de pintura no Brasil. Ao retornar a Paris, foi admitido como membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

A maior parte da produção de Debret se deu no Rio de Janeiro, com breves viagens a outras regiões, entre as quais a Deserto, atual Florianópolis, como mostram as obras realizadas a partir de esboços, na comitiva do imperador D. Pedro I.

Os esboços eram extremamente ágeis, com o frescor da novidade, e serviam para futuras definições visuais dos costumes e dos lugares estudados. Estes artistas eram chamados de “riscadores”, seja para as finalizações em aquarela e óleo, ou mesmo para as litografias que facilitavam as edições.

A agilidade do traço de Debret pode-se conferir nas aquarelas feitas no Rio de Janeiro, em plena rua com seus apelos repentinos, transitórios, acrescentando-se a isso o impacto da luz e o calor dos trópicos que desestabilizaram a normalidade de sua formação neoclássica,

acadêmica, o que limitou a maior parte de tantos artistas, sobretudo Victor Meirelles levando-se em conta a sua admiração por Delacroix, desestimulada por seus professores em Paris. A academia, obviamente, não tolerava a subjetividade, o confiar nas próprias impressões como fez Debret, e impressões que se aproximaram do realismo de fundo histórico com reflexos românticos.

Debret teve melhor sorte que a do desterrado Meirelles ao entregar-se ao fustal, ao pulsar da vida, desta maneira distanciando-se de cânones, podendo-se então presumir que o Delacroix da viagem a Marrocos estava exercendo grande influência não somente em artistas franceses. Em Delacroix e Debret, além do registro, havia uma preocupação expressiva ao revelar a condição existencial, o sofrimento que era uma objeção à vida, não à reflexão em torno de distúrbios provocados por sistemas hierárquicos que foram, entre outras coisas, antecessores da alienação do trabalho.

É neste aspecto, e considerando-se que os portugueses não queriam abrir mão do trabalho escravo, que a obra de Debret se reveste de qualidade sociológica. O registro, assim, vai além da mera curiosidade e atinge o mal-estar social, a desigualdade que mais tarde, em 1905, Lima Barreto vai comentar: “É curioso comparar a maneira com que Debret

pinta os negros e os brancos. O ponto de verdade dos dois...”

Neste caso, além de Lima Barreto desautorizar uma pseudociência que pretendia demonstrar a inferioridade racial dos africanos, há a revelação por Debret da pompa artificiosa dos brancos, todos com ares imperiais, e da primitividade dos negros, nos quais se observa a natural nobreza apesar de suas condições precárias.

A deliberada taxilogia visual debretiana estendeu-se para outras formas de conhecimento: a história natural, como também a etnografia que comprova a empatia mórbida do artista, e desde que se compare as máscaras indígenas e os amuletos africanos com enforcamentos, enterros e cadáveres de negros enrolados em lençóis e pendurados em varas.

Uma ironia iconográfica em relação à levandade positivista e cristã dos brancos e dos sardinhas. Como se conclui, a Colônia não podia ocultar a sua violência e hipocrisia. Para Almeida Prado “o principal espetáculo do Rio de Janeiro joanino”, e para o próprio Debret “ruas obstruídas por uma turba agitada de negros carregadores e de negras vendedoras de frutas”. ■

texto | Jayro Schmidt é ensaísta, artista visual e poeta, autor de, entre outros, “A uma sombra” (1998).

# as lanternas mágicas

RODRIGO DE HARO

A dança cristalina das imagens circulares projeta-se na praça sobre as paredes e as sacadas. figuras recortadas em sombras chinesas atropelam-se ao longo das cornijas perseguidas pelas notas simultâneas dos “realejos alemães” de tubos dourados colocados nas esquinas da praça da vila do Desterro

Por Jean-François de Galaup, conde de Lapérouse, que trouxe estas maravilhas à bordo do Bergantim “L’astrolabe” por vontade expressa do bom rei Louis XVI da França.

Um dragão, a dama, o feiticeiro. todos deslizam nas paredes formando sarabandas e constelações que a noite estrelada da Ilha faz rodopiar ao som da “fiandeira” executada por meia-dúzia de “serinettes”.

texto | rodrigo de haro  
é pintor, mosaicista e poeta, autor de, entre outros “Mistério de Santa Catarina” e “Andanças de Antônio”. Vive em Florianópolis.

